



ETNOECOLOGIA DE *ORMOSIA ALTOMONTANA* J. E. MEIRELES & H. C. LIMA (*LEGUMINOSAE PAPILIONOIDEAE*) NA REGIÃO DE VISCONDE DE MAUÁ, APA DA SERRA DA MANTIQUEIRA, RJ/MG.

Mariana Martins da Costa Quinteiro (1)

Brenda da Rocha Alexandre (2); Ana Mayumi Gonçalves Tamashiro (3); Luís Mauro Sampaio Magalhães (4); Moemy Gomes de Moraes (5)

1 - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Doutoranda em Ciências Ambientais e Florestais, Bolsista CAPES Seropédica, RJ, e - mail: quinteirommc@yahoo.com.br

2 - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestranda em Ecologia, Bolsista CAPES

3 - Universidade Federal Fluminense, Mestranda em Ciências Ambientais

4 - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Professor Adjunto - Departamento de Ciências Ambientais

5 - Universidade Federal de Goiás, Professora adjunta - Departamento de Biologia Geral

INTRODUÇÃO

A Floresta Atlântica é o ecossistema tropical em estado mais crítico de degradação em todo mundo (Vianna & Tabanez, 1996). As principais áreas preservadas sob seu domínio estão localizadas na região sudeste do Brasil, em áreas de altitude elevada e acesso difícil (Câmara, 2006). Visconde de Mauá situa-se no interior da Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira e entorno do Parque Nacional do Itatiaia, possuindo vegetação de transição entre Floresta Ombrófila Mista Alto-montana e Montana (Oliveira - Filho & Fontes, 2000). Possui grande atividade turística, que exerce pressão nos recursos vegetais e na organização social local, o que deve ser intensificado com a obra de construção da Estrada Parque que vem sendo realizada no local.

As Fabaceae, no contexto da Floresta Atlântica, representam uma das maiores famílias com valores expressivos de riqueza e também de diversidade, sendo a Serra da Mantiqueira uma área relevante de ocorrência para a família (Lima *et al.*, 1997)

Ormosia altomontana é considerada como a espécie de maior valor de uso pelos artesãos de Visconde de Mauá, sendo coletada em grandes quantidades, para fabricação própria e troca com outros artesãos (Quin-

teiro, 2008). É endêmica do local e origina peças artesanais exclusivas, de alto valor comercial. As sementes dessa espécie são vermelho - alaranjadas, arredondadas e apresentam tegumento duro, impermeável, sendo provavelmente de difícil germinação (Quinteiro, 2008).

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo inventariar o conhecimento etnoecológico de *Ormosia altomontana* pela comunidade de Visconde de Mauá, além de analisar o manejo da espécie no contexto das Unidades de Conservação (UCs) locais.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho de campo incluiu viagens mensais, com duração média de cinco dias, no período entre maio de 2006 e junho de 2009. O levantamento etnoecológico foi realizado por procedimentos etnobotânicos padrões, como: entrevistas estruturadas e informais com 15 *especialistas locais* e 22 artesãos locais da comunidade; *turnê* - guiada para verificação *in situ* da espécie; observação participante plena, com registro em diário de campo, gravação autorizada dos dados e reprodução fiel

das palavras dos informantes. A amostragem e seleção dos informantes foram realizadas segundo a técnica *Bola de neve* (Bailey, 1994).

RESULTADOS

O. altomontana é endêmica do local em altitude acima de 1.100m, possuindo características muito similares à *Ormosia friburgensis* Taub. ex Harms. Ambas podem ser confundidas em trabalhos de florística e etnobotânica. *O. friburgensis*, no entanto, possui folha e fruto glabro, flor com pouca pilosidade, semente menor e de coloração mais escura, o que distingue ambas.

A espécie possui diferente importância para a população nativa e para os artesãos locais. Tradicionalmente conhecida como *Caju* ou *Cajuzinho*, seu uso se dá em pequena escala, em brincadeiras de crianças, como “bolinhas de gude” e como proteção, levado junto ao corpo.

Em oposição, o uso por artesãos não nativos, é massivo, com o nome de *Angelim*. Na época da maturação dos frutos, é coletada a maior parte das sementes encontradas. Houve relatos, inclusive, de revolvimento da terra ao redor das árvores, para retirada de mais exemplares no banco de sementes do solo. Além disso, muitas vezes essas pessoas são procuradas por intermediários (não determinados na pesquisa), para venda das sementes em grande quantidade e baixo preço, sendo posteriormente realizada sua revenda nas grandes cidades.

Houve consenso na não observação de fauna predadora da semente, com exceção de um informante que diz já ter observado algumas roídas.

A época de ocorrência das sementes relatada por todos os entrevistados é no período da seca, no inverno, após o mês de abril. A informação não condiz ao encontrado na literatura para o gênero *Ormosia*, descrito como climático, exigente de luz, hermafrodita, tendo seus frutos disponíveis no período de chuvas (Ressel, 2004).

Sua vagem foi relatada como sendo importante no armazenamento de água para posterior germinação, que ocorre mais de um ano depois. Zamith e Scarano (2004) observaram grandes períodos de dormência para as sementes de *Ormosia arborea*, o que relataram constituir um sério problema para a produção de mudas desta espécie. Lorenzi (1998) recomenda a escarificação mecânica antes da sementeira dessa espécie, para aumentar sua germinação, determinada como lenta

CONCLUSÃO

O domínio das informações etnoecológicas e o uso de *O. altomontana* é mais contemporâneo e menos tradicional. A extração que vem ocorrendo no local, combinada às suas características bio e ecológicas, pode representar uma ameaça à conservação da espécie. Nesse sentido, a garantia de proteção desse vegetal vem se tornando incompatível com a existência da APA da Mantiqueira e do Parque Nacional do Itatiaia, as duas Unidades de Conservação existentes no local, sendo necessárias ações educativas e de manejo florestal que favoreçam a propagação desta planta.

REFERÊNCIAS

- Lima, M. P. M.; Guedes - Bruni, R. R.; Sylvestre, L. S. & Pessoa, S. V. A. 1997. Padrões de distribuição geográfica das espécies vasculares da Reserva Ecológica de Macaé de Cima. Pp.103 - 124. *In*: Lima, H. C. de & Guedes - Bruni, R. R. (eds.). Serra de Macaé de Cima: Diversidade Florística e Conservação em Mata Atlântica. Rio de Janeiro. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
- Lorenzi, H. 1998. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa. São Paulo: Plantarum. 368p.
- Oliveira - Filho, A. T. & Fontes M.A.L. 2000. Patterns of floristic differentiation among Atlantic forests in south - eastern Brazil, and the influence of climate. *Biotropica* 32(4b): 793 - 810.
- Quinteiro, M.M.C. 2008. Etnobotânica aplicada à definição de estratégias de conservação em Visconde de Mauá, Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira. Dissertação de mestrado em Ciência Ambiental. UFF. Niterói. 144p.
- Ressel, K.F.; Guilherme A.G.; Schiavini, I.; Oliveira, P. 2004 Ecologia morfofuncional de plântulas de espécies arbóreas da Estação Ecológica do Panga, Uberlândia, Minas Gerais. *Revista Brasil. Bot.* 27 (2): 311 - 323.
- Viana, V. M.; Tabanez, A. J. A. 1996. Biology and conservation of forest fragments in Brazilian atlantic moist forest. Pp. 151 - 167 *In*: Schellas, J.; Greenberg, R. (ed.). *Forest patches in tropical landscapes*. Washington: Island Press.
- Zamith, L. R. & Scarano, F. R. 2004. Produção de mudas de espécies das Restingas do município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *Acta Bot. Bras.* 18(1): 161 - 176.